

Navegar é fantasiar: relações virtuais e psicanálise

Patrícia do Prado Ferreira-Lemos

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

Para pensar as relações sociais na sociedade contemporânea é imprescindível nos atermos às relações que se estabelecem no ambiente virtual. Certamente, estes são os laços mais populares e que despertam maior curiosidade na atualidade, especialmente por se passarem na dimensão online. Este trabalho ocupa-se com as relações estabelecidas através de comunidades virtuais, considerando-as, especialmente, a partir das elaborações teóricas psicanalíticas sobre fantasia e realidade psíquica. Privilegiamos as comunidades do site de relacionamentos Orkut que se desenrolam a partir de perfis fakes e que nos ofereceram material abundante para esta elaboração.

Palavras-chave: psicanálise; fantasia; relações virtuais; ciberespaço.

ABSTRACT

To navigate is to fantasize: virtual relations and psychoanalysis

In order to reflect upon social relationships in contemporary society, it is indispensable to rely on relationships settled in network virtual environments. Indeed, these represent the most popular kind of social bonding in present days, especially due to its unique online dimension. This article studies relationships settled through virtual communities, especially taking them in the light of psychoanalytic theories of fantasy and psychic reality. We privilege researching a number of fake profiles present in Orkut, a social network site, which offered us plentiful substance to support our thesis.

Keywords: psychoanalysis; fantasy; virtual relations; cyberspace.

RESUMEN

Navegar es fantasiar: relaciones virtuales y psicoanálisis

Al pensar en las relaciones sociales de la sociedad contemporánea, es imprescindible hacer referencia a las que se establecen en el ambiente virtual. Estos son los lazos más populares y que despiertan mayor curiosidad en la actualidad, especialmente por acontecer en la dimensión *online*. Este trabajo se fundamenta en las relaciones establecidas a través de comunidades virtuales, considerándolas, específicamente, a partir de las elaboraciones teóricas psicoanalíticas sobre la fantasía y la realidad psíquica. Privilegiamos las comunidades del site de relaciones Orkut que se desarrollan a partir de perfiles *fakes* y que nos ofrecieron abundante material para la desarrollo de este trabajo.

Palabras clave: psicoanálisis; fantasía; relaciones virtuales; ciberespacio.

INTRODUÇÃO

A internet é um fenômeno de nosso tempo. Inúmeras questões emergem deste dispositivo, gerando uma infinidade de pesquisas, em diferentes áreas do pensamento, em busca de dar sentido ao que estamos vivendo. Resolvemos também participar deste momento histórico pelo viés da psicanálise. A internet atravessa a cultura, contempla a comunicação entre os sujeitos, percorre o campo das ciências, dos negócios, das artes, da literatura, da diversão. Fato é, que a internet está aí:

Se você não se importa com as redes, as redes se importarão com você, de todo modo. Pois, enquanto quiser viver em sociedade, neste tempo e neste lugar, você terá de estar às voltas com a sociedade de rede. Porque vivemos na Galáxia da internet (Castells, 2003, p. 230).

Assim, diante disso que nos afeta, e que, com efeito, aparece em nossos consultórios, sentimo-nos impelidos a desenvolver este estudo. Ocupamo-nos das relações que se estabelecem nas comunidades virtuais.

Que encontros são possíveis através da tela de um computador? Trata-se de uma espécie de espaço contínuo da vida ‘off-line’? Qual a relação entre virtual e real? Criam-se, neste mundo virtual, novas roupagens para as personagens do mundo tradicional? Afinal, o que se pode dizer sobre as comunidades virtuais? As relações humanas se transformam? O que está implícito nas relações que se estabelecem nas comunidades virtuais, além do seu funcionamento de grupo?

Cada modo de pensamento, sejam as Ciências Sociais ou a Filosofia, responde à sua maneira a estas indagações contemporâneas. Assim, para podermos nos situar diante da bibliografia, ainda não muito extensa sobre o tema, optamos pelos mais reconhecidos autores sobre o assunto. Consideramos o pensamento de Manuel Castells que estuda a questão do ponto de vista social, e de Pierre Lévy que a coloca a partir da Filosofia da Informação. Para depois nos atermos ao conceito psicanalítico de fantasia e tecermos as contribuições desta área do saber.

O sociólogo espanhol Manuel Castells (2003) afirma que a internet pode ser considerada um motor contemporâneo e a compara à rede elétrica pela revolução que emana de seu surgimento, por tudo que acarreta na sociedade, no que tange a disseminação de informação e atingindo diferentes setores da vida social. Deste modo, Castells denomina a sociedade de ‘Sociedade em Rede’, símbolo maior da conectividade entre informações, computadores e pessoas. Ao dedicar-se ao estudo da internet desde o seu início, o sociólogo aponta a relação interpessoal como desde sempre presente, mesmo quando, em um primeiro momento, a intenção era a de avanço tecnológico – provocado especialmente pela Guerra Fria – e de troca de informação entre centros de pesquisa de grandes universidades.

Castells se interessa pelo efeito do dispositivo na vida das pessoas e destaca a possibilidade de se assumir diferentes ‘identidades’ em rede. A internet é sugerida por Castells enquanto um espaço, grosso modo, que leva a pessoa a viver suas fantasias ‘on-line’, esquivando-se de um possível mundo real, ancorando-se na realidade virtual. Na sua contundente opinião, esse debate foi construído sobre uma ideia simplista de uma “comunidade local harmoniosa de um passado idealizado e a existência alienada do ‘cidadão da internet’ solitário, associado com demasiada frequência, na imaginação popular, ao estereótipo do *nerd*” (Castells, 2003, p. 98). Assim, este modo ideológico de pensar estes personagens, que navegam a internet, dificulta a compreensão do que realmente acontece neste meio de interação social:

[...] a proliferação de estudos sobre esse assunto distorceu a percepção pública da prática social da Internet, mostrando-a como o terreno privilegiado para as fantasias pessoais. O mais das vezes, ela não é isso. É uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades. Ademais, mesmo a representação de papéis e nas salas informais de chat, vidas reais (inclusive vidas reais online) parecem moldar a interação online (Castells, 2003, p. 99-100).

Sherry Turkle (1999, 2003, 2007, 2008), pesquisadora no ‘Massachusetts Institute of Technology’ (MIT) também se atenta à questão da constituição de ‘identidades’. Assim como Castells, Turkle acompanha desde o início a propagação da internet na vida cotidiana:

... se comete um erro grave ao falar-se em vida real e em vida virtual, como se uma fosse real e a outra não. Na medida em que as pessoas passam tempo em lugares virtuais, acontece uma pressão, uma espécie de expressão do desejo humano de tornar mais permeáveis as fronteiras do real e do virtual (Turkle, 1999, p. 118).

Marca-se, portanto, que uma barreira que sinalizaria a distinção entre um espaço material e um espaço virtual é diluída, tornando-se realidade. Assim, as relações reais poderiam ser consideradas aquelas em que a pessoa se sente suficientemente ligada à outra pessoa para lhe dar real importância, para poder ver no outro, parte de si. A vida ‘on-line’ demonstraria diferentes aspectos de nós mesmos, onde poderíamos passear por diferentes papéis, desempenhar diversas funções – o que, por muitas vezes, é considerado como uma faceta irreal, não correspondente à realidade do sujeito. Turkle, que por vezes remete à psicanálise, nos diz que a ideia americana de unidade psíquica está relacionada à saúde. Os estados não patológicos de multiplicidade, como denomina, nunca foram devidamente respeitados pela tradição americana, onde, inclusive, as psicoterapias são adaptativas e adotam a ideia de ‘identidade ideal’ para os sujeitos. Esta visão dá margem, não só à boa parte das discussões sociológicas em que se questionam as várias ‘identidades’ possíveis em rede, como a ‘autenticidade’ delas.

Para muitas pessoas, a comunidade virtual permite uma expressão mais livre dos inúmeros aspectos de si mesmas. Mas se trata de algo que também se vive no ‘resto da vida’. Há momentos em que a cultura enfatiza a uniformidade da experiência e outros

em que acentua a multiplicidade da experiência (Turkle, 1999, p. 119).

O filósofo Pierre Lévy, em ‘O que é o virtual?’ (1996), considera que a ‘virtualização’ constitui a essência da mutação em curso, um movimento de heterogênesse do humano ou um devir; e nos consente afirmar que o virtual nos permite uma saída do aqui e agora – ou seja, do espaço e tempo e uma mudança nos corpos. Utiliza-se do termo ‘ciberespaço’ e o neologismo ‘cibercultura’, que diz respeito às técnicas – materiais e intelectuais – das práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço (Lévy, 1999, p. 17).

Lévy procura nos situar investigando a palavra ‘virtual’, que tanto se utiliza e de que pouco se sabe. A concepção que se tem, grosso modo, é a de que virtual estaria em oposição à realidade da qual fazemos parte, e que diz respeito à materialidade. Mas, conforme este autor, este é o uso equivocado que se faz do termo virtual para dizer daquilo que está em rede, tal como banco virtual, página virtual, amizade virtual, namoro virtual, loja virtual, etc. Isto leva a pensar que a realidade virtual, experimentada via computador, possui algo de irreal, de ilusório, seria simulacro da realidade ou digitalização do que se entende como real. O real é entendido como algo da ordem do terço e o virtual do terás, segundo Lévy. Esta questão é crucial para se pensar as relações na internet do ponto de vista da psicanálise, uma vez que implica a própria veracidade destas relações que se estabelecerão neste espaço.

E, assim, o senso comum e os meios de comunicação em massa – especialmente revistas semanais, telejornais ou programas de televisão – referem-se ao comportamento das pessoas virtualmente, confrontando-o com a sua suposta realidade ‘off-line’, assinalando a existência de personalidades múltiplas, identidades falsas e muitas outras corruptelas possíveis de esbarrarmos na vida virtual calcadas, sobretudo, na ideia de que somos imutáveis e constantes. Somente no ‘off-line’ poderíamos decifrar o ‘caráter’ das pessoas com as quais lidamos. Sob estas ideias, como dissemos, está o conceito psicológico de ‘identidade’.

Se o virtual se opõe a algo não é ao real, mas ao atual. O atual é uma resposta ao virtual, mas nada tem a ver com ele. Ao contrário do que se considera como real, que está muito mais próximo ao possível. Porém, podemos entender que o virtual possui efeitos, na medida em que se atualiza e que proporciona, enquanto potência, a presentificação de algo.

Para Lévy, o que de todo modo se denomina como ‘virtual’, está remetido a uma força potencial que existe neste momento em que a sociedade está em rede. Pode-

se pensar que se a virtualidade é o que impulsiona a atualização, promovendo realidade, dizer de uma realidade virtual, é enunciar que existe aí, nesta rede em questão, potência, possibilidades ilimitadas de atualização.

Lévy tem pensamento similar ao de Castells, no sentido de pensar que não se trata de uma novidade aniquiladora das relações pessoais, que artificializam os laços. O mesmo receio sempre ocorreu, quando os mais modernos meios de comunicação foram inventados. As pessoas continuaram a se comunicar verbalmente depois da invenção da escrita; o teatro continuou existindo depois do cinema; as cartas, e-mails e torpedos de amor não substituem os beijos dos amantes; assim como, as pessoas continuam a se falar cada vez mais via telefone, como se sabe, pela expansão também monumental das operadoras de celular. E não é de uma explosão de contatos entre as pessoas que estamos tratando?

A função ‘tela’ da fantasia

A fantasia, a nosso ver, é o conceito que nos permite maiores possibilidades de abordagem das relações virtuais na internet. Freud considera que todas as relações de objeto são mediadas pela fantasia, e Lacan coroa este dito com o matema $\$$ *do* indicando que é a partir de construções fantasiosas que nossa realidade psíquica (‘Realität’) é delineada, isto é, a fantasia convencionada nossas relações reais, simbólicas e imaginárias com as outras pessoas e com o mundo.

Ao abordarmos as relações do sujeito no ciberespaço estamos trazendo uma cena que assim podemos descrever: um sujeito utiliza-se de um computador para se relacionar com outras pessoas. Ou, podemos dizer de outro modo: a relação dos sujeitos com os outros, neste contexto, está mediada por um computador. Para psicanálise a descrição destas duas cenas coloca uma questão: não seriam todas as relações que estabelecemos mediadas pela fantasia de cada um de nós?

Assim, a cena que descrevemos não é de um sujeito que se relaciona com outros sujeitos e outras tantas outras coisas através da tela de um computador. A tela do computador é o que é visível aos nossos olhos, mas a tela que ali funciona é a da fantasia. Antonio Quinet, em *Um olhar a mais* (2002), coloca que a fantasia é “efetivamente uma armadilha do olhar do sujeito, o qual se deixa fascinar, enganar, pois considera o quadro da fantasia sua janela para o mundo” (p. 162).

Foi Freud, através de sua clínica das histéricas e sua autoanálise, que percebeu a inviabilidade do universal “todos os pais são perversos” e a existência do trauma sexual infantil em suas pacientes. Na *Carta 69* a Fliess (21/09/1897), Freud destaca que “no inconsciente,

não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada como afeto” (Freud, 1897, p. 310), isto é, tanto as histórias que de fato ocorreram como as que são fruto das construções psíquicas, ocupam o mesmo lugar no inconsciente, e por isso têm o mesmo efeito.

Além, as fantasias têm função protetora, sublimando os fatos, embelezando-os, ou servindo como autoabsolvição (*Carta 61*). Esta função pode estar ressaltada no ciberespaço, como veremos adiante. Algumas cenas, inclusive, só são possíveis serem revisitadas através das fantasias, pois estas servem como uma espécie de escudo para os conteúdos recalçados que poderiam ocasionar o surgimento dos sintomas. Assim, as ‘fachadas psíquicas’ (*Rascunho L*) são construídas com a finalidade de atravancar o caminho para estas lembranças da ordem do trauma (real). As fantasias funcionam como protetoras, sublimam e embelezam, isto é, tornam possível nossa comunicação com o mundo ao obstruírem o fluxo que levaria para uma lembrança traumática.

Em *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud elabora a sua teoria sobre os sonhos, colocando a possibilidade de interpretação destes, por se tratarem de uma mensagem cifrada. A fantasia – especialmente a fantasia diurna consciente, isto é, da vida em vigília – ganha estatuto semelhante aos sonhos, sobretudo na principal característica, que é a de realização de desejo. Portanto, ao abordar a fantasia, têm-se as fantasias conscientes (diurnas ou devaneios) e as fantasias inconscientes. Enquanto as fantasias conscientes compartilham conteúdo com os sonhos, a fantasias inconscientes precisam continuar no inconsciente, uma vez que seu conteúdo é originado por material recalçado; e ambas irão compor o pensamento onírico, embora apareçam comprimidas, condensadas, superpostas, etc.:

Como os sonhos, elas são realizações de desejos; como os sonhos, baseiam-se, em grande medida, nas impressões de experiências infantis; como os sonhos, beneficiam-se de certo grau de relaxamento da censura. Se examinarmos sua estrutura, perceberemos como o motivo de desejo que atua em sua produção mistura, rearranja e compõe num novo todo o material de que eles são construídos. Eles estão, para as lembranças infantis de que derivam, exatamente na mesma relação em que estão alguns dos palácios barrocos de Roma para as antigas ruínas cujos pisos e colunas forneceram o material para as estruturas mais recentes (Freud, 1900, p. 525).

Freud afirma que o modo como o inconsciente se articula é tal qual o processo da realidade psíquica, uma vez que ambos desconhecem a realidade material e se articulam conforme os processos subjetivos de cada sujeito que têm como fundo a fantasia.

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicação de nossos órgãos sensoriais (Freud, 1900, p. 637, grifos do autor).

Ao investigar sobre a criatividade e as ideias que impressionam e despertam emoções a partir das criações de escritores ou poetas, em *Escritores criativos e devaneios* (1908), Freud nos presentearia com a comparação entre o brincar infantil (enquanto ato criativo) e o fantasiar. O brincar das crianças é considerado ato criativo, pois se faz necessário criar um mundo próprio, onde é possível reajustar elementos do seu mundo de modo que este se torne mais agradável. A criança, diz Freud, no entanto, distingue a brincadeira da realidade, embora se utilize de objetos e situações do mundo material em sua criação. É esta distinção, entre o que é brincar e o que é realidade, que diferencia o brincar do fantasiar. De modo semelhante agem os escritores criativos, pois criam um mundo de fantasia – com investimento de energia e emoção – mas, mantém também esta distinção entre a realidade e a criação.

A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor (Freud, 1908, p. 136).

Quando crescemos e há o abandono do brincar, não existe de fato uma renúncia. O brincar é substituído por outra coisa, assim como acontece com as crianças maiores, para quem, de acordo com Freud, o brincar dá lugar à fantasia ou aos devaneios. Brincar não é um ato que se faz escondido, é algo que se faz tanto sozinho como em grupo, em qualquer lugar, à vista de qualquer pessoa. No adulto, no entanto, as fantasias são, em grande parte, escondidas das outras pessoas, preservadas como algo bastante particular. Freud

complementa que pode até haver a sensação de que se é o único a fantasiar, já que não é comum se compartilhar criações e anseios. O brincar é determinado pelo desejo único de ser adulto (por isso as crianças brincam imitando o mundo de adultos), enquanto que, por não ser esperado de adultos que brinquem ou fantasiem, eles ocultam este processo. O próprio conteúdo que aparece nas fantasias pode ser sim escondido, uma vez que, possui caráter infantil e desejos proibidos. Não seria a vida ‘online’, um dispositivo que permite que as fantasias – reveláveis ou irreveláveis – sejam atualizadas?

Fantasiar não é algo que ocorre somente a pessoas com comprometimento psíquico ou em tratamento, que podemos encontrar nos consultórios. A fantasia ocorre em pessoas ‘saúáveis’, isto é, é parte da estrutura psíquica.

Na *Conferência de XXIII*, denominada ‘Os caminhos da formação dos sintomas’ (1917), no processo contínuo de investigação da raiz dos sintomas, Freud, de maneira inevitável, depara-se novamente com a questão das fantasias. Mais uma vez, no cerne de sua discussão e constatação clínica, afirma que as fantasias contêm realidade, já que a sua criação, pelos pacientes, tem efeitos tão substanciais ao ponto de não poder se estabelecer, nas neuroses, que a experiência empírica de fato se sobreporia a elas quanto a seus efeitos. Este problema, como vem sendo abordado até agora, havia sido constatado desde o momento em que Freud passou a desacreditar em suas neuróticas. Os sintomas apareciam em decorrência das fantasias, criada por elas, ou seja, decorriam destas criações, o que mais uma vez o fez repetir que as fantasias possuem realidade psíquica em contraste com a realidade material, mas, acima de tudo, faz com que afirme, após tantas investigações e constatações, que a realidade psíquica é de fato e, com efeito, a realidade decisiva.

Lacan elabora em *O Seminário*, ‘livro 5: As formações do inconsciente’ (1956-1957), o matema da fantasia: $\$ \diamond a$, com ele designa a relação do sujeito do inconsciente barrado, e, portanto, imerso no simbólico, como o objeto *a*, que constitui a causa inconsciente do desejo. A punção (\diamond) simboliza o enlace entre o simbólico (S), imaginário (*a*) e real (*a*), que se opera na fantasia:

A fantasia é uma tela sobre o real que, atirando-se como tela, evidencia também que há algo por trás dela, um vazio, a falta real. Enquanto tela, permite ao sujeito ‘criar’ um objeto no lugar do objeto faltoso, nomeando um objeto enquanto seu objeto, na tentativa de anular a barra pela qual está cindido (Wine, 1992, p. 54).

É este contexto que o objeto ‘*a*’ do matema da fantasia emerge, lembrando que aqui, o objeto ‘*a*’ é a presença de um vazio preenchível por qualquer objeto, pois estamos diante de um objeto eternamente faltante e por isso, objeto causa de desejo. “Com seus próximos, vocês não fizeram outra coisa do que girar em torno do fantasma cuja satisfação vocês neles procuraram. Este fantasma os substituiu com suas imagens e cores” (Safatle, *apud* Lacan, 2004). Ainda, os próximos nos aparecerão como “tela de projeções fantasmáticas” (Safatle, 2004). Isto que dizer que, em todas as nossas relações com os outros sujeitos, estaremos projetando nossas fantasias.

Se o objeto ‘*a*’ tomar forma imaginária é considerado objeto causa do desejo, como aparece aqui no caso da fantasia. Isto é, a fantasia traz o testemunho dos elementos significantes da palavra articulada no Outro, no lugar onde se articula a palavra inconsciente, que é também o S, pois é palavra, história, memória e estrutura articulada. Portanto, a fantasia é determinada pelo simbólico, mas aparece no sujeito como sendo imaginária. É um imaginário que resiste e que contém núcleo de real ligado ao desejo do Outro (Quinet, 2002).

Colocar a fantasia nas relações entre as pessoas nos permite entrar na questão da não existência da relação sexual. Se a relação sexual existisse de fato, ela seria o exemplo maior da relação entre os sujeitos. Seria deste modo, “a única relação na qual o sujeito poderia estar presente ao outro através da materialidade de seu corpo” (Safatle, 2004). Entretanto, a teoria da fantasia colocada por Lacan sustenta que o sujeito encontra no corpo do Outro traços de suas próprias fantasias, oriundas ainda das primeiras experiências de satisfação. O corpo torna-se metáfora do gozo, que, antes de tornar-se metáfora, tem que ser corpo fetichizado de acordo com a fantasia do sujeito. Assim, o corpo do Outro é um conjunto de objetos parciais. A teoria da fantasia em Freud e com mais ênfase a de Lacan, nos conduz a perceber que a fantasia é o que faz a mediação, nosso contato com o mundo, dando a ele consistência e sentido. Lacan em *O Seminário*, ‘livro 14: A lógica da fantasia’ (1966-1967), coloca que a realidade seria um ‘prêt à porter’ que resulta exatamente destas operações descritas pela lógica da fantasia, onde temos o objeto *a* como seu viabilizador.

Fantasias online

O maior site relacionamento do Brasil que é o ‘Orkut’, que em linhas gerais, propõe uma rede de relações, onde cada participante possui um ‘perfil’ e se relaciona com outros participantes, fundando diferentes tipos de laços.

No perfil – apresentado na primeira página de cada membro – encontram-se descrições pessoais, incluindo um texto de apresentação que responde à questão: “Quem sou eu”. É também nesta primeira página que estão expostas as listas de amigos e de comunidades as quais se está vinculado. Cada usuário do Orkut responde à estas arguições, faz amizades e atrela-se às comunidades por vontade própria.

Como exemplo de como se delinea uma ‘identidade’ – no sentido imaginário do termo – trazemos o perfil de uma atriz de teatro, no qual encontramos em resposta à pergunta “Quem sou eu”, um texto do dramaturgo inglês, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura 2005, Harold Pinter. As comunidades nas quais está inserida referem-se à alguma arte: cinema, teatro, música, literatura. Os exemplos são infinitos, mas o que estamos apontando é que ao escolher as comunidades virtuais para participar e ao responder às questões colocadas pelo Orkut, vai-se delineando o ‘perfil’ ou identidade de cada um. O usuário do Orkut tem a tarefa de se definir, construir uma ‘identidade’ imaginária para seu eu na pluralidade do ciberespaço. Por sorte, o aparente antagonismo desta proposta se resolve na existência da possibilidade de se reeditar, a qualquer tempo, quaisquer resposta dada. A atriz de teatro pode, por qualquer razão, afirmar que deixou de gostar dos filmes do Bergman e rapidamente parar de participar da comunidade. O ciberespaço, talvez especialmente pela possibilidade do anonimato, parece autorizar a manifestação pluralizada e mais intensa, quem sabe, dos ‘eus’ que nos habitam.

Durante nossa aventura pelo mundo confesso de fantasias do Orkut, através da investigação de perfis denominados ‘fakes’ (falso), fomos surpreendidos pelo material que encontramos. Existem centenas de comunidades destinadas somente a estes perfis, eis aqui o exemplo de uma delas:

Comunidade ‘Eu amo minha vida fake’:

Descrição: qual é o significado de uma pessoa ter um fake? qual o significado de ter criado o fake. ninguém sabe com certeza a origem disso. mas uma coisa a gente com certeza pode concluir: quem começou com isso tudo era uma pessoa sem medo de mostrar suas ideias. e por isso eu acho que é por esse motivo que tantas pessoas são viciadas nesse paraíso, porque aque vc não tem medo de mostrar quem realmente você é, aque você é acima de tudo o seu interior e não seu inferior, aque você pode viver uma VERDADE sim. porque aque é o lugar do verdadeiro sentimento <3, por isso não vamos fazer do fake também um lugar de “violência e decepção” né? vamos fazer que isso aque fique cada dia melhor :D

Talvez, com a descrição desta comunidade possamos pensar na questão da fantasia e no afrouxamento das amarras que, para ela, o dispositivo Internet pode oferecer. O que é ser um ‘fake’ que se autoriza “mostrar as suas ideias”, que “não tem medo de mostrar quem realmente é”, que “pode viver uma VERDADE sim”, no lugar do “verdadeiro sentimento”? Por que o que existe de verdadeiro só pode ser expresso através de um personagem, de uma máscara? Certamente, porque algumas vezes se vive amordaçado pela autocensura, pela cultura, pelos ideais identificatórios. Freud (1920) teorizou que a ausência de unidade do eu é uma condição que atravessa a relação entre os sujeitos, isto é, é uma condição humana. A fantasia, o devaneio, os sonhos, como vimos, são produções subjetivas. Estes sujeitos brincam de serem outros, fazem tal quais os escritores criativos abordados por Freud (1908) ao construir personagens com características físicas, histórias de vida. Mas, aqui, eles contam com a participação das outras pessoas.

O conteúdo destas comunidades só para ‘fakes’ nos chama a atenção. Entre centenas delas, destacamos uma denominada ‘Agência de Família Fake!’, com seus quase 300 mil membros. Neste espaço, os ‘fakes’ buscam pai, mãe, irmão, filho, namorado e até mesmo animais buscam dono. Mas, não adianta só buscar, colocar uma espécie de anúncio indicando o que quer encontrar. É preciso ser aceito pelo outro, por quem vai fazer par, construir esta família junto com o ‘fake’, isto é, que compartilhará a fantasia:

Quero um irmão...

Um irmão que seja muito apegado a mim...

filha ou filho

gente, eu to procurando um anjinho pra dar luz a minha vida *-*

vai ter tudo, pai, casa, brinquedos, amor, carinho...

TUDO :D’

eu tinha uma filha mais ela me abandonou):’

quem quer ser o meu bb e ganhar um amor de mãe GIGANTESCO?

Em uma comunidade como o nome ‘Eu amo ser fake’ encontramos depoimentos que evidenciam mais fortemente a presença da fantasia. Quando um membro questiona “o que é ser fake para você?”, têm-se respostas como:

Taliin

pra mim é ser oq eu queria e ser e fazer o que eu quero fazer

Transformar o mundo desagradável, fazer do mundo um lugar menos hostil, tentar ser mais feliz

é fantasiar. A internet configura-se como um espaço lúdico onde é possível o exercício da criatividade, ao desamarrar-se mais facilmente, ao permitir que as prensas se comportem feito roldanas e circulem. Assim, no ciberespaço as fantasias se exteriorizam no espaço público simbólico, socializando a própria esfera da intimidade de cada um, atualizando as construções fantasísticas dos sujeitos.

Esta dimensão de ‘identidade virtual’, da qual se ocupam Lévy, Castells e Turkle pode, então, ser entendida como uma possibilidade maior, na internet, de se vivenciar a impossibilidade de unidade subjetiva que a psicanálise considera como constitutiva do sujeito, portanto, de desprendimento da unidade psíquica imaginária do eu. Neste sentido, a psicanálise nos permite uma interpretação no avesso das sociológicas ou filosóficas que admitem esta unidade da personalidade, ou seja, o sujeito como indiviso.

No ciberespaço pode-se, portanto, se esquivar das dificuldades da vida ‘off-line’, utilizar o espaço virtual para descobrir e explorar a inconsistência e multiplicidade das identificações subjetivas, fazendo-se de outro:

Dicho de otro modo, los ‘múltiples yos’ que se exteriorizan en la pantalla son ‘aquello que yo quiero ser’, la forma en que quiero verme a mí mismo, las figuraciones de mi yo ideal; en este sentido, son como las capas de una cebolla: no hay nada en el centro, y el sujeto es esta ‘nada’ misma (Žižek, 2006b, p. 231).

O ciberespaço é propício à fantasia porque a tela que se abre para o ‘virtual’, deixando a ‘realidade’ em suspenso, desterritorializando-se, adentrando o espaço, também virtual, de uma janela da fantasia. A virtualização assemelha-se, assim, à fantasia, pois emerge, igualmente, de lacunas na realidade. Tanto na virtualização quanto na fantasia o sujeito tenta preencher os furos da realidade, tenta obter satisfação.

Provavelmente cenas e cenários que esbarram em nossas fantasias e traumas transitam pela rede e podem provocar atualizações disso que está recalcado em nossas cadeias simbólicas. Não se pode deixar de mencionar a atemporalidade do inconsciente, que, muitas vezes somente ‘a posteriori’ ressignifica. Não se sabe quando algo encontrará alguma referência na cadeia simbólica, trazendo angústia ou sintoma, como se pode perceber em casos clínicos.

Assim, a realidade virtual não é uma nova ou outra realidade, o que implica que as relações que aí se estabelecem são também mediadas pela fantasia. A realidade virtual confirma o fato de que “Não

vivenciamos as coisas diretamente como a realidade, e por isso o Real, exatamente no sentido de Real cru, é vivenciado como espectro e fantasia, como aquilo que não pode ser integrado à realidade” (Žižek, 2006a, p. 119).

A fantasia, tela sobre a qual pintamos a nossa realidade psíquica, tem exatamente esta função de nos proteger do vazio do real. Portanto, como Freud colocou em ‘Escritores Criativos e Devaneios’ (1908), a fantasia pode ter este papel de tentar ‘reajustar’ o que se encontra em desajuste, como as brincadeiras ou o ato de comprar também podem fazer. Todos os objetos com os quais os sujeitos se relacionam tentam camuflar a falta que nos é intrínseca, como também é a solidão. O objeto é para sempre perdido, por isso sempre falta alguma coisa. É um equívoco pensar que somente sujeitos solitários sentam-se em cadeiras e navegam pelo ciberespaço em busca de preencher um vazio. O vazio é comum a todos os sujeitos.

REFERÊNCIAS

- Castells, M. (2003). *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Freud, S. (1996). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1897). *Carta 59* (vol. I).
- Freud, S. (1897). *Carta 61* (vol. I).
- Freud, S. (1897). *Rascunho L* (vol. I).
- Freud, S. (1900). *A interpretação dos sonhos* (vol. IV).
- Freud, S. (1917 [1916-17]). Conferências introdutórias sobre psicanálise. *Conferência XXIII* (Os caminhos da formação dos sintomas) (vol. XVI).
- Freud, S. (1920). *Além do princípio de prazer* (vol. XVIII).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Original: 1953).
- Lacan, J. (1999) (1957-58). *O Seminário* (livro 5: As formações do Inconsciente). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1966-67). *O Seminário* (livro 14: A lógica da fantasia). (inédito).
- Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* (8ª reimpressão). São Paulo: Ed. 34. 160p (Coleção TRANS).
- Quinet, A. (2004). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Safatle, V.P. (2004). Gênese e estrutura do objeto do fantasma em Jacques Lacan. In *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 16(2), 155-170.
- Turkle, S. (dez. 1999). Fronteiras do real e do virtual. In *Revista Famecos*, Porto Alegre, (11), 117-123.
- Žižek, S. & Daly, G. (2006a). *Arriscar o impossível – conversas com Žižek*. São Paulo: Martins Fontes.
- Žižek, S. & Daly, G. (2006b). *Lacrimae Rerum – Ensayos sobre cine moderno y ciberespacio*. Buenos Aires: Debate.
- WINE, N. (1992). *Pulsão e inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Recebido em: 26/01/2010. Aceito em: 29/07/2010.

Dados da Autora:

Patrícia do Prado Ferreira-Lemos – Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Campus Assis). Pós-Graduação *lato-sensu* em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (UVA-RJ). Doutorado em andamento em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista CNPq.

Enviar correspondência para:

Patrícia do Prado Ferreira-Lemos
Rua Artur de Azevedo, 1681, Apartamento 41A – Pinheiros
CEP 05404-014, São Paulo, SP, Brasil
E-mail: patricia.ferreiremos@gmail.com